

UM HERÓI E UM ANTI-HERÓI :
DOIS PERSONAGENS DE OUTRO MUNDO E SEUS LANCES NO JOGO
DE VIDA E DE MORTE *

Ruth Rissin

*À lembrança de meu pai , judeu, imigrante russo,
que me ensinou a amar os livros e o Brasil*

O livro *A Majestade do Xingu* , do escritor e médico Moacyr Scliar conta a história de Noel Nutels , médico sanitaria que veio criança para o Brasil em 1921 . E, num procedimento especialmente legítimo da criação literária , conta também a história de um outro personagem, este fictício, que , sendo colocado no lugar do narrador, também relata fatos de sua vida, contrapondo as duas trajetórias. Assim, são descritas duas histórias, a de Noel Nutels, judeu e imigrante russo, um homem “corajoso”(SCLIAR, 1997,p. 9; daqui em diante as citações dessa obra figurarão apenas com o número da página), que se tornou o “médico dos índios” (*idem*) e a do narrador, que se define como “um homem insignificante” (*idem*), que em nenhum ponto do livro é nomeado , também judeu e imigrante russo, que teria vindo para o Brasil no mesmo navio que Noel Nutels e durante toda a sua vida acompanhou a certa distância a vida heróica do antigo companheiro de viagem.

A história começa pelo fim . O narrador está lutando para sobreviver a um enfarte numa UTI, de onde começa seu relato contando, para o médico que o acompanha , um episódio também dos últimos momentos de vida de Noel Nutels: ele está num hospital , morrendo de câncer, no Rio de Janeiro, época da ditadura. Alguns generais vão a seu quarto visitá-lo e, surpreendendo todos, Noel desperta de seu estado letárgico para fazer uma piada criticando os militares. Este será o tom de todo o livro, uma alternância de humor e descrição da realidade dura. O narrador explica : essa história “é triste, mas é engraçada.(...) Como tudo”(p. 7).

É com humor que Moacyr Scliar vai contar as duas histórias. Elas seguem um curso peculiar. Começam paralelas, têm como ponto de contato a viagem da Rússia para o Brasil e

* Este artigo foi publicado na Revista Trieb , vol.I , no.1 e 2 , mar/set 2002, sendo autorizada sua apresentação neste site.

adiante se bifurcam novamente, desenhando um movimento de encontro e desencontro entre os personagens.

O herói e o anti-herói

Os primeiros relatos referem-se a fatos bem tristes, a situação dos judeus na Rússia do início do século XX, a pobreza, os pogroms nos *shtetls* – pequenas aldeias onde moravam os judeus na Europa Oriental - até a vinda de cada uma das duas famílias para o Brasil.

Noel chega para o narrador anônimo como um raio de luz em meio à escuridão de seus medos, medo da tuberculose, medo do fantasma do irmão morto, pânico de subir ao navio que traria para o Brasil ele e sua família. É nesse momento que Noel surge , fazendo desaparecer o medo, fazendo-o rir.

Que noite, aquela, doutor. Debaixo de chuva caminhávamos (...) Quando chegamos perto do velho cargueiro, o terror se apossou de mim. Eu não queria subir a bordo, tinha medo do mar, do navio. Meu pai me agarrou,(...) eu resistia, não quero, não vou, tenho medo. Uma mulher me viu, apiedou-se de mim : vem conhecer o meu filho. E lá estava, o Noel, um garoto bonito, risonho, de olhos muito grandes e buliçosos. Desceu correndo, agarrou-me pelo braço : não tenha medo, a viagem vai ser boa (...) Parei de chorar e deixei-me conduzir, rindo de suas piadas, de seus trejeitos . (p.35-6)

Noel é descrito como alguém cheio de vida, alguém que ria muito , que se deliciava de rir (p. 37).A vida lhe parecia sempre uma incessante fonte de prazer tornando-o curioso : em pouco tempo, já “conhecia todo o navio”(p. 36). Durante a viagem, o narrador cola-se a Noel que torna-se seu líder e o conduz a todos os lugares

As péssimas acomodações, as precárias condições de higiene tornavam os dias daquela viagem difíceis de suportar. Mas para Noel não era assim, ele “era a alegria do navio. Noel contava histórias, Noel imitava pessoas, Noel sabia cantar(...) Graças a Noel a viagem se tornava, se não agradável, pelo menos tolerável”(p.46).

Noel encarna no texto várias características da *pulsão de vida*. É ele o personagem que traz a alegria, a vitalidade, o riso. É o personagem da ligação, do encontro, querendo tomar contato com todos, iguais e diferentes. E da esperança : “você gostará do Brasil, é um lugar maravilhoso, lá o sol brilha o tempo todo, as pessoas são alegres, não falta comida” (p.36).

Sua curiosidade faz com que não exista para ele o medo, a desconfiança. “Noel estava sempre interessado em tudo” , diz o narrador (p. 37). E ia ao encontro de tudo. Chegando em Recife, assim que o navio atraca no cais , ele se afasta de onde todos estão, sua mãe, seu amigo. Só vão encontrá-lo quando já está bem longe, “conversando com uns mulatinhos” (p.52). O fascínio pelo diferente , a curiosidade pelo desconhecido faz deixar para trás amigo, família, o *shtetl*, a Rússia. Tudo isso já era “passado. O presente estava ali, os garotos, o céu muito azul, as casas de cores vivas... os góim”(p. 53). Este tipo de acontecimento vai repetir-se muitas vezes . Bem adiante, quando vai trabalhar com os índios, integra-se a eles com facilidade : “Já se sente à vontade na aldeia, o Noel, como se os índios fossem gente sua” (p.113).

Diferentemente do que ocorre com Noel, o narrador anônimo não consegue misturar-se tão facilmente com os brasileiros. Para ele, não é fácil deixar a Rússia e o passado para trás. Esse passado reaparece sob a forma de sonhos repetitivos : “O senhor sabe que até hoje sonho com a Rússia? Pois sonho, sim. A Rússia, doutor... A Rússia a gente não esquece” (p. 11). A Rússia, onde “a morte era uma lembrança constante em nossa existência. Quando não era a doença, a tuberculose, era o pogrom”(p.15). São sonhos povoados de seres espectrais : “ninguém fabricava pesadelos com a facilidade que eu fazia”; coleção de impressões antigas, dolorosas, reproduzidas e relembradas através desse tipo de sonhos que Freud considera provocados pelas “misteriosas tendências masoquistas do ego”, como afirma ao expor os argumentos que demonstram a existência da pulsão de morte. (Freud, p. 25).

Na verdade, o personagem do narrador anônimo apresenta-se como contraponto ao personagem de Noel Nutels : “ele era a luz e eu a sombra. Noel era o sol, nascendo ao Leste e marchando para o Oeste, marchando impávido, glorioso. Eu, o que era eu? Um modesto e desconhecido planeta gravitando em sua órbita” (p.106).

Nesse jogo de contrastes, enquanto Noel concentra características da pulsão de vida, esse homem que sequer tem um nome , tem que se debater diante de forças provenientes de diversos vetores pulsionais , forças que o levam para diante, para a luta, para o encontro , para a vida e, de outro lado, forças que o contêm , sendo alguns de seus resultados a escuridão, o imobilismo, o retraimento.

Para o narrador anônimo não é tão fácil defrontar-se com o desconhecido como é para Noel; não lhe é fácil se aproximar dos outros, dos diferentes. Enquanto a curiosidade atrai Noel na direção dos garotos do cais em Recife, de universitários que serão posteriormente notáveis intelectuais brasileiros, e mais tarde vai levar Noel para perto dos índios, o narrador leva uma vida limitada, restrita. Não consegue se afastar do passado, da Rússia, não consegue se afastar do *shtetl* e acaba fazendo do bairro onde mora uma espécie de *shtetl* paulista. Tem medo dos “goim”, “sempre uma incógnita” (p.53): “Quando o góí estendia a mãozorra em direção à nossa cabeça – era para nos acariciar ou para nos golpear? Quando o góí mostrava os dentes – estava sorrindo ou querendo nos devorar?” (*idem*).

Após a chegada ao Brasil os caminhos dos dois personagens se separam. Noel fica com sua família numa cidade do interior de Alagoas enquanto o narrador vai para São Paulo. As injunções da vida – acidente e morte prematura do pai – obrigam esse homem anônimo a abandonar o sonho de estudar Medicina, tornando-se o responsável pelo sustento da família. Vai trabalhar numa loja, no Bom Retiro, um bairro onde mora a grande maioria dos judeus que vieram para São Paulo. É lá que ele vai levar uma vida rotineira, dia após dia, sem que quase nada aconteça, ficando ele, ali, paralisado atrás de um balcão. Imobilizado.

Enquanto isso, “Noel não parava quieto”(p. 101). Sentado atrás do balcão da loja, o narrador acompanha a vida agitada de Noel, Noel estudando Medicina, a vinda da família para Recife, a vida alegre e agitada na pensão de sua mãe onde moravam tantos brilhantes futuros intelectuais, Noel médico, indo para o interior do Brasil trabalhar com os índios. Sua imobilidade contrasta com toda a movimentação da vida de Noel: “Nossos caminhos se haviam mesmo separado; ele agora estava no meio do mato, eu na loja. Eu sentado, imóvel. Lendo, imóvel; ou – imóvel - olhando para a porta. Às vezes pensando, imóvel. Às vezes, imóvel, lembrando o passado.” (p. 101)

A imobilidade é o resultado de uma impossibilidade: “Eu, o covarde, imóvel. Noel, o corajoso, em movimento” (*idem*).

O movimento realizado por Noel, por sua vez, é o resultado de uma disponibilidade para a transformação, para deixar-se influenciar pelo novo, deixar para trás o que passou, identificar-se e encantar-se com o diferente: “(Noel) ia avançando, embrenhando-se mato adentro, cada vez mais dentro do Brasil, cada vez mais brasileiro, brasileiro como a paca, brasileiro como a onça, brasileiro como o saci” (*idem*). O tempo é capaz de transformá-lo, em contraste com o narrador que se

descreve “encerrado na cápsula do tempo”(p. 108) e, na verdade, também do espaço. O tempo da infância, o aprisionamento ao irmão morto, o espaço do *sthetl*.

Contraste ou complementaridade? Quem é esse narrador anônimo? Por que ele é colocado lado a lado com Noel, como uma sombra, por que se faz necessária sua presença no texto senão para a criação de uma descrição da realidade mais completa? Quem é esse homem que vive ao lado de um Noel Nutels, que vive ali, do outro lado da rua, que pode ser um tio, um conhecido da família, ou até mesmo o pai? Que não realiza lutas tão claramente heróicas mas que enfrenta condições de vida adversas e guerreia com seus fantasmas pessoais? A co-presença desses dois personagens segue a mesma linha presente no texto que mistura situações complementares ligadas mais ou menos diretamente, mais ou menos intensamente à dicotomia pulsão de vida - pulsão de morte.

Esta mistura se evidencia nas descrições tanto de situações de destruição e violência contra os habitantes dos vilarejos russos, por um lado e, por outro, de atos de esperança, como a própria emigração dos personagens para o Brasil, e de generosidade, como todo o trabalho pioneiro que Noel Nutels realiza ao promover campanhas sanitárias junto aos índios levando a lugares remotos equipamentos radiológicos, laboratórios, conseguindo o uso de aviões etc. Também se faz presente na mistura do trágico e do cômico, na temática do encontro e desencontro, dos imigrantes com os brasileiros, o contato com os índios. E ainda na história, que é na verdade a história, o fio condutor do livro, da tentativa de reencontro do narrador com seu amigo Noel.

A mistura de nascimento, vida e morte aparece de forma bastante clara na descrição da descida do navio para a terra quando as duas famílias estão chegando ao Brasil. Os imigrantes deveriam descer por um cesto que, através de roldanas, os levaria para um barco. Medroso, o narrador vai deixando todos passarem à sua frente e quando finalmente chega sua vez e ele já está no meio do trajeto, suspenso no ar, as roldanas enguiçam. Justamente com ele. Não há outra saída senão pular. Depois de muita insistência, Noel gritando para que se jogue no mar, ele obedece. O trecho que descreve o contato com a água e o salvamento mistura tanto a tentação da morte quanto o apelo à vida através de uma cena que é uma espécie de renascimento:

Primeiro, o choque, o fundo mergulho. Depois, a surpresa: eu que tinha tanto medo do mar, me vi, encantado, em águas verdes e tépidas, águas primevas que me acolhiam – amorosamente, eu diria. Eu estava bem, ali naquela água. Nunca estivera tão bem. Se fosse para morrer não me importaria, tão bom seria morrer ali.

Mas não morri. Subi como uma bala, cheguei à superfície arquejante, agitando braços e pernas. Antes que afundasse de novo, um brasileiro me agarrou e me içou para bordo. Disse qualquer coisa que não entendi, mas com certeza era algo engraçado, eu ri, ele riu também, mostrando os dentes estragados, e eu estava contente, estava vivo. Noel e meus pais, alegres, me abraçavam. (p.49-50)

Ao expor o conceito de pulsão de morte, Freud vai recorrer aos fenômenos da repetição de sonhos traumáticos, da brincadeira infantil e da compulsão à repetição presente nos fenômenos da transferência psicanalítica para apontar uma motivação proveniente de uma força “mais primitiva, mais elementar” que o princípio do prazer (FREUD, 1920, p. 36) . Afirma, porém , que nos três casos essa motivação pulsional diferente da pulsão erótica nela se apóia na maioria das vezes.

Assim, a brincadeira infantil, que faz encenar repetidamente a experiência desagradável do afastamento da mãe, possui o componente adicional de tornar essa repetição ativa, sendo a ilusão do controle daí resultante uma fonte de prazer para a criança. Da mesma forma, a compulsão à repetição tal como se apresenta na transferência analítica também mistura a essa compulsão diversos componentes das pulsões eróticas.

Em *O Mal-Estar na Civilização*, Freud, ao falar da agressividade , define-a como vinculada ao amor. Diz ele que “a agressividade (...) constitui a base de toda relação de afeto e amor entre pessoas”(FREUD [1930] 1975, p. 135).

Pulsão sexual e pulsão de morte habitualmente convergem nos mesmos fenômenos sendo difícil isolá-las, percebê-las em estado puro, entrando em acordo com o tipo de construção do texto de *A Majestade do Xingu*.

“É triste mas engraçado, como tudo”

Mais uma mistura que se faz presente em todo o texto de *A Majestade do Xingu* é a do trágico e do cômico , ganhando o humor uma importância especial. O próprio começo do livro já engloba de forma radical essa mistura, ao juntar o tema da morte e o humor. Inicia-se com uma piada, uma história que se passa nos últimos momentos de vida de Noel Nutels, contada pelo narrador anônimo que, por sua vez, também se encontra próximo à morte.

No artigo *O Humor* Freud afirma que “O humor não é resignado, mas rebelde”(FREUD, [1927] 1975, p. 191). Essa rebeldia consiste em lutar contra as “provocações da realidade” (p. 190), havendo dignidade nessa atitude .

É o que aparece no tipo de humor de *A Majestade do Xingu*. O narrador comenta : “O Noel era corajoso, até fazia brincadeira com a doença” (p. 170). E cita uma brincadeira de Noel : “Um dia ele mostrou a um amigo a sonda urinária que saía pela perna da calça do pijama e disse, isso é o pior no câncer de bexiga, a gente tem de fazer xixi pela perna” (p.170). Brincadeira que, admite o próprio narrador , não é das melhores. Talvez Noel tenha falado aquilo, continua ele, apenas para

“poupar ao amigo o sofrimento de vê-lo alquebrado, destruído : olha só, amigo, morrer não é tão ruim , posso até fazer piada com a morte”(idem) .

É o mesmo sentido da afirmação feita por Freud, no referido artigo : no humor “o ego se recusa a ser compelido a sofrer” (FREUD,[1927] 1975, p.190), tentando obter prazer mesmo em situações adversas. E assim vencê-las.

Um dos procedimentos marcantes em *A Majestade do Xingu* é a introdução de um elemento humorístico em meio ao relato de uma situação triste. São muitos os exemplos.

O pogrom. Ao anoitecer, tropel de cavalos, gritos ferozes – logo estavam ali, aqueles demônios dos cossacos, bêbados, batendo nos homens, violentando as mulheres, queimando as casas. O pogrom, , doutor, era um massacre organizado, uma válvula de escape para as tensões do império. A colheita fracassava? Pogrom. A Rússia era derrotada numa aventura guerreira? Pogrom. O tzar se sentia ameaçado? Pogrom, pogrom, pogrom.(p.15)

O ritmo das orações que vai se acelerando , a repetição da palavra pogrom, como se estivesse sendo usada para um tema mais banal conferem um efeito de absurdo que provoca a comicidade.

Um matiz um pouco diferente é obtido através da descrição jocosa de um acontecimento trágico. Por exemplo, quando o narrador fala da doença e morte de sua mãe :

Minha mãe morreu num asilo de idosos, onde nós a tínhamos colocado logo depois que o Zequi viajou. Era muito apegada ao neto , sofreu demais com a partida dele. E aí começou a ter uma conduta estranha. Um dia confidenciou-me que a grande paixão de sua vida havia sido não o meu pai, mas Isaac Babel. Isaac Babel, doutor, que tinha visto só algumas horas : perturbava-me constatar que meu pai tinha sido potencialmente traído, mas o pior eram os detalhes, o pior era ela dizendo , arrebatada, tudo o que eu queria era cair nos braços dele. Naqueles bracinhos curtos?(p.171).

Mais um componente humorístico de *A Majestade do Xingu* é fornecido pelo próprio personagem de Noel Nutels e sua coleção de inscrições em banheiros públicos. Noel é descrito como alguém muito divertido, que estava sempre fazendo piadas das situações, “com um modo desabusado de falar”(p.140). Um destaque especial é dado a sua coleção de inscrições de banheiro , para ele, “a linguagem secreta do país, criada pela tribo dos solitários de banheiro”(p. 130). Quem fala é o Noel que chega ao Brasil e vai logo se misturando com os mulatinhos do porto, que se encanta com os índios e com o temperamento da gente desta terra. E que desenvolve um humor com sotaque brasileiro, temperado pelo prazer de brincar, de fazer galhofa , pelo prazer da molecagem. É difícil para o narrador compreender esse jeito de rir : “Aquilo, francamente, me desconcertava : não ficava bem para um médico anotar coisas escritas por veados e punheteiros “(idem).

Por outro lado, o que se faz significativamente presente em *A Majestade do Xingu* através da voz do narrador é o humor judaico.Em um outro livro, um ensaio intitulado *Meu filho, o doutor*,

Moacyr Scliar define o humor judaico como “um humor que induz à reflexão”, que “não provoca o riso fácil e, sim, o contido sorriso, melancólico” (SCLIAR, 2001, p.73). Uma das características mais marcantes do humor judaico é sua tendência para rir de si mesmo, o que Moacyr Scliar chama de auto-ironia. Um exemplo: em determinado momento o narrador de *A Majestade do Xingu* se define como um “pequeno burguês, mínimo burguês” (p. 138). Um outro : o narrador referira-se um pouco antes a Dolores Ibarruri, La Pasionaria, a revolucionária que lutou na Guerra Civil Espanhola. “No pasarán!”, dizia ela, e este se tornou o lema de resistência à guarda franquista. Noel encontrou-a num congresso em Moscou , tiraram uma foto juntos. Enquanto isso, o narrador estava em sua loja, distante de todos os acontecimentos, reclamando dos fregueses que chegavam e que o impediam de ler seus livros. Era a época da ditadura Vargas, Noel Nutels foi preso no levante comunista de 1935. Interrogado , enfrentou o delegado .

Tinha coragem o Noel. Enfrentava um policial com a maior tranqüilidade. Quanto a mim... A única inimiga que eu enfrentava era a mulher gorda que vinha comprar agulhas, a Pasionaria do crochê, a quem eu resistia com cara impassível. No pasarás! (p. 98)

Uma outra faceta do humor judaico também presente em *A Majestade do Xingu* é aquela em que , segundo Davy Bogomoletz, a comicidade provém do fato de precisarmos aceitar determinada limitação da realidade e só nos restar a possibilidade de rir disso. Um exemplo é quando o narrador se refere a sua perplexidade diante do Padre Anchieta que escrevia poemas na areia da praia Ele, o narrador, acostumado com o objeto livro, não podia aceitar que alguém deixasse sua poesia para o mar carregar. “Livro tinha permanência; o papel durava, não por toda a eternidade – e quem queria a eternidade? – mas durava”(p. 71). É claro que gostaríamos que durasse a eternidade, mas já que isso não é possível...

Mas , além da função de obter prazer mesmo em condições adversas e do prazer proveniente da ilusão de que se controla a realidade, a presença do humor judaico em *A Majestade do Xingu* tem uma outra função que é a de marcar a pertinência a um grupo, no caso, a identidade com a cultura judaica.

Talvez seja muito difícil descobrir como se constituiu esse traço cultural que é o humor judaico, identificar suas raízes, como foi seu desenvolvimento. Mas certamente podemos dizer que ganhou fôlego e se enriqueceu com o movimento hassídico.

Surgido no século XVIII, o hassidismo foi um movimento liderado por alguns sábios e/ou rabinos numa época em que os judeus viviam esmagados por condições externas que lhes era impossível evitar, sentindo-se à margem da história” (WIESEL, p. 25), em estado de miséria e

desagregação. Esses sábios se moviam de aldeia em aldeia , de cidade em cidade , levando lições de sabedoria , esperança e alegria. A esperança deveria ser buscada em sua própria história , com o aprendizado a partir da experiência dos antepassados, sendo os mestres hassídicos também exímios contadores de histórias . As histórias são o fio que une o grupo a seus antepassados e, portanto, um instrumento de agregação, fortalecendo o indivíduo. O legado dos antepassados reduz a solidão.

O humor é, neste caso, um instrumento de reconhecimento mútuo, fator de fortalecimento da identidade grupal , em que cada indivíduo pertencente ao grupo é capaz de reconhecer uma forma de pensar, uma forma de olhar a realidade e de rir da mesma maneira que já observou em seu avô, em seu pai, em seus irmãos. Neste processo ele também *se reconhece*.

“Judeus nada têm a ver com cavalos’

Um dos temas centrais de *A Majestade do Xingu* é a temática que envolve algumas formas de comunicação humana, tais como a função da fala e da escrita, o prazer e a arte de contar histórias e o amor aos livros.

O livro é descrito como um bem precioso, meio concreto de transmissão do saber, instrumento de “eternização da palavra escrita”(p. 71) e de ligação para esse povo errante. Assim como é incapaz de se desfazer, durante muitos anos, da chave da casa onde moravam na Rússia, o pai do narrador também não pode prescindir dos livros por ocasião da mudança para o Brasil. Antes da partida, vendeu “as poucas coisas que tinham”(p. 35), mas, em sua “restrita bagagem de emigrante” (p. 71), deu “um jeito de incluir os livros, umas poucas obras em iídiche, em hebraico, em russo”(idem).

Os livros são uma referência ao passado (no caso dos livros trazidos), mas são também a ponte para o presente e para o futuro. Era através deles que o narrador aprendia na escola primária o necessário para dar “respostas na ponta da língua” (p. 65) pois sabia que “para o jovem imigrante era importante mostrar conhecimento” (idem). Também representam o acesso à nova língua : “eu queria não apenas aprender o idioma, queria dominá-lo por completo, conhecer essas palavras misteriosas, de significado intrigante” (p. 83) além de meio de aceitação e reconhecimento social : “[conhecer essas] palavras que servem de código para as pessoas cultas. Era difícil.(...) [Por isso] eu consultava dicionários” (idem).

Os livros, portanto, são , em *A Majestade do Xingu*, elementos de ligação tanto ao antigo quanto ao novo, representando tanto a possibilidade de recorrer ao conhecido , à tradição e à experiência dos antepassados quanto a descoberta do desconhecido.

Como um desdobramento dessa questão, temos a questão da profissão médica. A medicina ganha diversos significados para os judeus, muitos deles relacionados à importância concedida ao livro e à aquisição de conhecimento. Novamente em *Meu filho, o Doutor*, Moacyr Scliar diz que a medicina representa a “continuidade da tradição judaica de respeito ao conhecimento: o médico é o sábio do passado atualizado e investido dos novos poderes da ciência” (SCLIAR, 2001, p. 79). É o que vemos igualmente em *A Majestade do Xingu*: “A admiração de meu pai pela medicina vinha desde a Rússia” (p.62), afirma o narrador. Porque lá o médico possuía privilégios, chegava onde os outros judeus não podiam chegar, atendia a nobreza tendo, assim, uma penetração e uma “ascendência sobre a nata da sociedade local. O que resultava em poder e dinheiro” (p. 63). Na Rússia, “um judeu só poderia sair da miséria, da insignificância, com um diploma” (*idem*). Desta forma, para ele não haveria mais pobreza, tuberculose, pogrom, tendo a medicina o poder de colocar o judeu num outro universo, fora das constricções da realidade e dos perigos. A medicina é, além de uma possibilidade de ascensão social, a marca de entrada e aceitação na comunidade mais ampla, num limite que ultrapassa os do grupo judaico.

Ter um filho médico é o sonho de todo imigrante, que abre mão dos próprios sonhos para dar condições a seus filhos de ir mais longe do que ele foi, depositando neles uma expectativa que vem compensar seus esforços e seu sofrimento: “a satisfação de me ver doutor compensaria todos os seus sofrimentos” (*idem*), diz o narrador ainda se referindo ao pai.

Desta maneira, assim como o livro, a escolha da medicina repete e contém a dualidade onde temos, de um lado, a preservação dos valores tradicionais e, de outro, o movimento em direção à sociedade geral. Mas não seriam muitas as profissões que encerrariam essa dualidade. Em *A Majestade do Xingu* este fato fica bem claro no episódio envolvendo o escritor Isaac Babel. De forma cômica, ele é descrito, em meio à brigada bolchevique, levando sucessivos tombos ao tentar montar cavalos Tarefa inútil. Em meio a batalhas do exército vermelho, deixava de lado seu revólver e escrevia, tomava notas. Era isso o que, na verdade, gostava e o que sabia fazer: escrever e contar histórias. Montar cavalos e guerrear não eram atividades para os judeus, que nunca aprenderam a fazê-las (pelo menos até então). O que não acontecia com a medicina, sendo notória a presença de judeus desde os primórdios da prática médica.

Da mesma forma, o comércio, também era, de longa data, “coisa de judeu” (p. 61). Desde tempos muito remotos os judeus exerceram uma posição específica no sistema social através do comércio, funcionando muitas vezes como elemento de ligação entre diversos grupos sociais, como por exemplo na idade média quando, como comerciantes, eram instrumentos de ligação entre os feudos (MEZAN, p. 20). Mas esta profissão é vista, pelo menos por alguns grupos de judeus, e certamente pelo narrador sem nome de *A Majestade do Xingu* como desvalorizada. Principalmente

quando comparada ao jornalismo e à intelectualidade militante representada no texto por Samuel Wainer : “por que [ele] perderia seu tempo [para conversar] com o cara que lia no balcão de A Majestade?” (p. 87).

O pai do narrador anônimo, em seus últimos momentos de vida, pede ao filho que estude e se forme em medicina. Este também sonha em tornar-se médico. Aliás, não só tornar-se médico mas um grande médico , como afirma em uma carta imaginária que escreve para o amigo de infância : “Estou estudando, estudando bastante porque pretendo me tornar um grande médico”(p. 76) . Mas diferentemente do que ocorre com Noel Nutels, ele não conseguirá realizar seu sonho, as imposições da realidade o impedem. Justamente a morte do pai que faz dele o chefe da família, obrigando-o a tornar-se comerciante e a ir trabalhar em uma loja, de onde nunca mais saiu : “Noel formou-se em medicina. Eu me tornei lojista. Pequeno lojista, doutor. Bem pequeno”(p. 78).

Destino pequeno para seus sonhos. Diante das injunções da realidade , da impossibilidade de realização de suas necessidades pulsionais, vai recorrer aos livros e ao mundo de fantasia como forma de satisfação substituta, como diz ele : “fiz o que estava a meu alcance : dediquei-me à leitura”(p. 83). Além dos já mencionados dicionários , lia muito, lia tudo. Monteiro Lobato, Nietzsche, Proust, Ovídio, Goethe. Lia entre uma venda e outra : “ felizmente as vendas são raras, os intervalos entre elas são longos, possibilitam muita leitura”(p. 86) , diz ele, e ficamos certificados, assim, de sua preferência pela atividade intelectual e de sua insatisfação.

O mergulho no mundo da fantasia - este herdeiro da brincadeira e esboço de criação literária, como afirma Freud em *O Escritor Criativo e o Devaneio* - também é um recurso empregado para obter alguma satisfação possível, tendo a fantasia, assim, para Freud, a mesma função atribuída ao humor. Diz ele : “As forças motivadoras das fantasias são os desejos insatisfeitos e toda fantasia é a realização de um desejo, uma correção da realidade insatisfatória”(FREUD, 1908, p. 152, grifo nosso). Diante da impossibilidade da realização pulsional , o humor e a fantasia, assim como a criação literária, surgem como formações substitutivas.

Em várias passagens, o narrador , a partir de um detalhe da história, a partir de algum personagem histórico ou fictício começa a construir toda uma fantasia onde reorganiza os dados daquela realidade , brincando com eles. É o caso, por exemplo, quando pensa em Gabrilo Princip, o autor do atentado contra o arquiduque Ferdinando que desencadeou a Primeira Guerra Mundial. A partir do detalhe de que ele era tuberculoso, o narrador imagina uma série de situações que começa com o personagem ouvindo falar do agradável clima do Brasil e de sua beleza tropical, o que provoca nele um enorme desejo de vir para cá, levando-o a abandonar o grupo a que pertencia e não

realizar o atentado. Em sua fantasia , transforma, a partir dessas novas circunstâncias todo o rumo da História mundial e da história pessoal de Noel Nutels, além da do próprio narrador (cf. p. 18-9).

De maneira semelhante à descrita em *Além do Princípio do Prazer* quando Freud se refere à brincadeira infantil do *fort-da*, vemos aqui em ação o componente pulsional de dominação. A realidade é imposta mas pode, na brincadeira e na fantasia que a acompanha , ser dominada através de um rearranjo que transforma a criança de passiva em ativa. Da mesma forma, da **passividade**, isto é, de uma situação em que as circunstâncias da vida estão sempre impondo fatos que devem ser aceitos, o narrador passa, através da fantasia, à **atividade**, sendo então capaz de transformar , ainda que ficticiamente, a História e/ou a história.

Assim também quando o pai do narrador anônimo perde um braço por causa de um acidente, o narrador tece uma elaborada fantasia a respeito do conde, figura que o pai idealizava, proprietário das terras onde moravam na Rússia. Obrigado a exilar-se após a vitória bolchevique, o conde escolheria São Paulo para viver e passaria a trabalhar com o pai como auxiliar na venda de gravatas na rua.

O rearranjo da realidade é evidente. O conde agora torna-se empregado do pai do narrador. Deve obedecer suas ordens, aprender com ele, seguir seu exemplo, sendo obrigado assim a adotar uma atitude de subserviência e, mais do que isso, de admiração. Os papéis agora estão invertidos, o pai do narrador tem então sua imagem restaurada, a necessidade pulsional está satisfeita , a realidade, corrigida.

A Majestade do Xingu é também , entre outras, uma tentativa de reencontro, a história da busca que o narrador faz de Noel Nutels. Ao longo de todo o texto , o narrador tenta um encontro que nunca acontece, um diálogo que nunca se dá. Acompanha à distância os fatos da vida de Noel Nutels, seja através de conhecidos comuns, seja através de notícias de jornais e TV. É inteirado da mudança de Noel e de sua família para Recife, do casamento, do curso universitário, de seu trabalho como médico e, logo adiante, como médico sanitarista, sua criatividade, persistência e coragem ao mobilizar todos os esforços possíveis para implantar um serviço de combate à tuberculose para os índios.

Essa comunicação , porém , faz-se por mão única, não constituindo um encontro nem um diálogo: apenas o narrador toma conhecimento do que se passa com Noel Nutels. Este não sabe nada do que ocorre com o outro.

Diante de cada evento importante de sua vida, o narrador pensa em escrever para Noel desejando assim compartilhar com ele alegrias, dúvidas e tristezas. Quer contar-lhe como foram as

primeiras experiências na escola (p. 75), falar do sonho de ser médico (p. 76), dar-lhe a notícia de que ele e sua mulher vão ter um filho (p. 103), fazê-lo saber de cada conquista do filho no colégio (p. 128). E pensa em mandar-lhe cartas. Que nunca são escritas e muito menos enviadas. Por “vergonha. De grafar as palavras errado. De escrever bobagem” (p. 75). Ou por achar que ele não seria importante para Noel. Começa então a criar cartas imaginárias, e é novamente através do recurso à fantasia que vai buscar essa comunicação com o amigo distante. Uma fantasia que ainda não é concretizada. Da mesma forma que nenhuma conversa pode acontecer entre eles, nenhum encontro. Quando finalmente o narrador decide visitar Noel no hospital, este já está em coma; não há resposta para suas palavras. Os generais do início do livro haviam acabado de sair, Noel talvez tenha lhes contado a última piada.

Encontros impossíveis, cartas possíveis

No desenrolar do relato do narrador surge, em certo momento, um novo personagem que vai determinar um novo lance nesse jogo que envolve a escrita imaginária e a ficção.

Trata-se de Zequi, o filho do narrador sem nome que, depois de uma fase de isolamento e atitude hostil com relação ao pai, passa a freqüentar, levado por uma amiga do próprio narrador sem nome, uma célula do Partido Comunista, a célula do Bom Retiro, denominada Zumbi dos Palmares. A hostilidade para com o pai continua até que, através do interesse que seu grupo político manifesta pelos índios e, conseqüentemente, por Noel Nutels, a situação entre os dois vai se transformando.

O pai se introduz no grupo político do filho, fala do amigo Noel, angaria simpatias e admiração. Os membros do grupo lhe pedem um encontro com Noel Nutels. Encontrar Noel? Impossível. Para ele, o narrador, para os amigos do filho. A alternativa: na impossibilidade de um encontro, o narrador garante que Noel poderia escrever uma carta para eles, carta que o próprio narrador escreve, à qual muitas outras se seguem. Trata-se agora de cartas verdadeiras, diferentes daquelas cartas imaginárias, que nunca chegaram a ser escritas. Cartas fictícias, escritas pelo pai. Pelo pai-Noel.

Todo um processo de transformação vai ocorrer com o narrador, encontrando ele finalmente uma motivação para sair da imobilidade: “Eu agora tinha um objetivo na vida, compreende o senhor? Escrever aquelas cartas foi uma coisa que passou a me mobilizar por inteiro.” (p. 140). Diferentemente do que ocorre em qualquer outro momento de sua vida, não há nada que o freie, que o iniba, sendo possível então a força pulsional se expressar em sua inteireza.

Também agora “na loja não lia mais, só escrevia” (*idem*), tornando desnecessária a função de escapismo que a leitura exerce para ele por muitas vezes.

Colocando a máscara, o narrador fala de um outro lugar de onde é possível ao filho ouvi-lo, autorizado pela relação transferencial que se estabelece com Noel Nutels:

Sei que o seu pai, companheiro Zequi, é hoje um lojista. Não o hostilize por causa disso. Nem todos podem estar na linha de frente no combate por um mundo melhor. Pense que, graças a seu pai, você foi à escola, você adquiriu cultura, a visão de mundo que hoje lhe permite entender o socialismo. Eu não vou dizer que a loja A Majestade é uma trincheira na luta por um mundo melhor, mas também não é nenhuma fortaleza tzarista. Um lojista não é necessariamente um reacionário. (p. 141)

O pai fala de um outro lugar de forma a tornar-se o ator de um outro autor que não ele próprio, obrigando-se, também ele, a ouvir uma outra fala.

Esta não é uma tarefa fácil :

[escrever], para minha surpresa, se revelou uma coisa extraordinariamente difícil. Eu pensava que a leitura tinha me familiarizado com a palavra escrita; pensava que as cartas imaginárias tinham me preparado para cartas reais. Estava enganado. Escrever era complicado. Escrever como Noel supostamente escreveria, mais complicado ainda. (p. 140)

Não se trata de apenas de proferir sua fala para o filho através de um disfarce, mas de realizar um esforço dramático no jogo que articula autor-ator-espectador. A fala desse ator-autor dialoga com Noel. Mesmo sendo falsa essa fala, ela implica uma distância, a possibilidade de um silêncio. O que abre caminho para o diálogo, para o encontro. Ocorre uma transformação : “na hora das refeições [Zequi] já não se mantinha no rígido silêncio; ao contrário, agora conversávamos, trocávamos idéias”(p. 141).

Na carta citada anteriormente, o narrador-Noel fala do legado transmitido para o filho – “graças a seu pai, você adquiriu cultura, a visão do mundo que hoje lhe permite entender o socialismo” (*cf.* citação acima). Está se referindo a uma ética do judaísmo e, como corolário, à capacidade de juntar dois tempos, o tempo da tradição e da modernidade, colocando-se assim ao lado do filho.

Renato Mezan mostra como complexos processos históricos e sociais que afetaram os judeus da Europa Central tiveram por conseqüência o fato de que o judaísmo pudesse ser concebido como uma ética. Em todas as histórias das religiões a ética foi sustentada pelos rituais religiosos que exprimem esses ideais éticos através de um repertório de símbolos e de formas de agir, pensar e sentir. Ética e religião estiveram por muito tempo e ainda permanecem interligadas. No século XIX uma corrente do pensamento judaico, influenciada pelo iluminismo, determinou uma modificação,

uma rutura entre os preceitos éticos e os rituais religiosos. Esse tipo de pensamento preconizava a mesma busca da sabedoria, o mesmo controle dos impulsos violentos assim como a obediência dos preceitos morais que caracterizavam os princípios de conduta do judaísmo, mas de forma independente da participação dos rituais religiosos que sustentam tal ética. Essa forma de pensar permite a Freud afirmar no *Discurso proferido perante a Sociedade dos B'nai B'rith* (FREUD[1926] 1975) que ele se considera um judeu “descrente”, vale dizer, que seu judaísmo não se baseia na fé, o que não o impede de continuar respeitando “os padrões éticos da civilização humana”. A introdução das idéias iluministas operou uma modificação em uma corrente do pensamento judaico de tal forma que a ênfase não é mais colocada na particularidade da experiência desse povo com seu Deus, enfatizando, sim, o que há de universal nas preocupações éticas a serem respeitadas. Renato Mezan destaca o fato de Freud, em sua carta, referir-se aos “padrões éticos da civilização humana” e não aos padrões morais divinos como sustentador dessa ética. A civilização humana substitui a referência a Deus e a extensão da preocupação ética se amplia alcançando não somente um, mas todos os povos. Essa universalidade é, segundo o pensamento iluminista, a garantia de um não particularismo e leva ao domínio da Razão, um dos alicerces do positivismo científico e do liberalismo político.

Por esta razão é que, em *A Majestade do Xingu*, o narrador-Noel fala que a visão do mundo transmitida ao filho permitiu-lhe entender o socialismo. Pai e filho agora estão próximos, as idéias de um tendo continuidade nas do outro.

Sobrevêm o golpe de 64, a fuga de Zequi, a conclusão de sua graduação, o convite para uma bolsa na França. Na volta do jantar de despedida, Zequi diz para o pai que sabia que era tudo mentira. Riem. Como descobriu? A máquina de escrever com a qual eram escritas as cartas foi dada como presente de formatura. Significativo presente: agora podiam prescindir de intermediários.

É fácil desculpar a mentira do pai: “Zequi já tinha me perdoado. Mais que isso: agora me compreendia(...)tinha crescido, o Zequi, tinha se tornado adulto”(p. 169). Há tempos atrás, Zequi havia perguntado ao pai se ele era importante. Este respondeu que não, “o papai não é nada, o papai é só um lojista; importante é o Noel Nutels”(p. 128). Tornar-se adulto é compreender que embora não sendo Noel Nutels, esse mito inatingível, o objeto idealizado, o pai está ali, a seu lado, lhe disse coisas importantes, fundamentais para sua formação, isto é, também ele tem coisas importantes para dizer. E tem uma história a contar, uma história a ser escrita. Zequi compreende e reconhece o pai e este, por sua vez, se reconhece e reconhece sua história. Anos mais tarde, os netos franceses vêm ao Brasil e o narrador se dá conta de que não podem conversar, eles não falam português. Zequi sugere que o narrador escreva sua história para que ele a traduza para os

meninos. Ainda não foi possível escrever, talvez já nem seja mais. O narrador transfere para o médico que o escuta a tarefa de registrar essa história digna de ser contada.

Uma história a ser contada

Voltemos à questão abordada anteriormente, ou seja, por que contar a história do narrador junto à de Noel Nutels e qual é a história que ele tem para contar.

Maria Rita Kehl (2001) mostra como a narrativa própria às sociedades tradicionais é a *lenda* na qual os personagens centrais são seres excepcionais, tais como heróis ou santos que têm uma lição a transmitir, um exemplo a ser seguido. Neste tipo de sociedade, a vida de cada pessoa não é pensada como existência individual e sim como parte de um todo, seu lugar na comunidade a que pertence é estável e suas atitudes determinadas pelo exemplo e pela sabedoria dos antepassados, com a obediência às interdições necessárias à manutenção dos laços sociais. Grandes mudanças ocorrem na sociedade moderna e o sujeito passa a se considerar como um indivíduo isolado não existindo mais, para ele, certezas universais que possam guiar seu comportamento. Seu aprendizado não é mais transmitido, sendo adquirido agora através da própria experiência pessoal e da necessária e dolorosa consciência de si mesmo. Os personagens da narrativa própria à sociedade moderna não são mais figuras destacadas da massa e, sim, pessoas comuns, que tenham uma história a ser contada.

O narrador de *A Majestade do Xingu*, encontra-se numa situação peculiar, colocado na encruzilhada de dois mundos, o mundo do *shtetl*, de onde saiu e para onde nunca mais voltar, e o mundo da cidade grande, São Paulo, onde se vê solitário e cheio de dúvidas. Mesmo que seu pai tenha guardado a chave da casa da pequena aldeia da Rússia, ela já não serve para mais nada. Deve se defrontar com a nostalgia da vida comunitária para sempre perdida, da surpresa por se deparar com respostas diferentes das que lhe foram ensinadas como corretas por seus iguais, diferentes das respostas até então esperadas. Isto fica claro quando toma conhecimento de que sua mulher resolveu separar-se :

Aquilo foi um choque novo e demolidor. Ouvi bem, eu? Falara ela em separação? Por quê, separação? Como, separação? Não me entrava na cabeça tal idéia. Ninguém se separava, na Rússia. Os casais viviam mal, brigavam – mas continuavam juntos. Por causa da pobreza, talvez, ou por vergonha, sei lá, o certo é que as famílias nunca se desfaziam. Agora, a Paulina, a minha Paulina, a Pau, anunciava que estava indo embora, que queria viver sem mim (p.175).

Num mundo onde já não existe o sentimento de pertinência a um grupo , onde o sujeito se vê isolado , devendo ele próprio escolher e buscar seu destino , a literatura adquire uma função de organizadora da existência. No mesmo ensaio anteriormente citado, Maria Rita Kehl aponta o romance como um dos caminhos para esse “homem desgarrado” , surgindo ele como capaz de dar voz ao “silenciado, ao sem lugar”(p. 67), enfim, para esses homens sem nome, que não têm a importância de um herói, mas que lutam para encontrar seus caminhos.

O destino não está mais predeterminado e o homem moderno deve encontrar a resposta através de sua própria experiência que é individual e diferenciada em relação aos demais . No entanto, paradoxalmente, ao falar de sua solidão, da angústia de ser responsável por seu próprio destino, está falando dos outros homens, dele diferenciados , mas vivendo sob as mesmas injunções. Por isso, ele não fala apenas em seu nome e sua escrita adquire um caráter social.

“Alguma coisa mudará no senhor depois que ouvir esta história”

O narrador de *A Majestade do Xingu* determinou para si a tarefa de contar a história de Noel Nutels. Descreve os detalhes dessa história para o médico que o acompanha no CTI e, junto com ela, a história de sua própria vida. Este anota tudo o que o narrador fala, faz gestos e diz palavras para o narrador, mas não fala diretamente ao longo do texto, sendo suas ações faladas pelo narrador. Quase no final do texto de *A Majestade do Xingu*, vemos que mais um futuro escritor vai se juntar a essa **corrente narrativa** : Zequi, o filho do narrador , que se propôs a traduzir a história de seu pai para o francês , para que, por sua vez, seus filhos franceses a conheçam. Este novo texto será feito no tempo futuro, sendo um texto a ser escrito. Significativamente.

Shoshana Felman usa a expressão corrente narrativa para designar um elemento específico do fazer literário (FELMAN, 1971)

A corrente narrativa começa com a não simultaneidade do fato narrado e do ato de escrever. A escrita é sempre executada num tempo diferente do narrado, mesmo quando o narrador pretende relatar os eventos em estado nascente como em *Manuscrito encontrado numa garrafa*, de Edgar Allan Poe, onde a sofreguidão para descrever os últimos momentos de vida do narrador não deixa de ser fictícia, revelando tão somente sofreguidão, impossibilidade e arte.

A narrativa, diz Shoshana Felman, se constitui pela existência “de uma pluralidade, de uma série de narradores que se interligam . A origem do relato não é atribuída a uma simples voz narrativa, mas ao efeito em eco, posterior, de vozes que retomam outras vozes”(FELMAN, 1971,p. 262).

A não simultaneidade impõe um distanciamento , propondo que a narrativa se faça através de uma **versão** , sendo o texto, portanto, já uma leitura, a primeira de muitas outras que poderão se fazer. Os sucessivos narradores evidenciam a corrente narrativa em *A Majestade do Xingu*, sendo o personagem do médico um elemento-chave. Um discreto elemento-chave que apaga sua própria voz aparecendo no texto sempre de forma indireta, através da fala e comentários do narrador, o que sugere um papel pretensamente secundário para ele na trama.

Pouco sabemos a seu respeito. A mãe é judia, o pai, não. Ele, portanto, faz parte de uma geração posterior à dos imigrantes , estando afastado de alguns aspectos da cultura judaica, tanto assim que não sabe o que é *guefilte fish*, um prato típico da Europa Oriental , muito conhecido entre os judeus.

Apesar de relativamente afastado das tradições judaicas, herdou da mãe , senão o amor aos livros, o gosto de ouvir e contar histórias . Como fala o narrador : “O senhor tem jeito de quem gosta de ouvir histórias. De ouvir histórias e de contar histórias. Isso às vezes é coisa de família. Desculpe perguntar, mas seus familiares gostavam de contar histórias? Ah, sua mãe. Sua mãe gostava de contar histórias” (p.9-10).

Também relacionado com sua filiação judaica , exerce a profissão de médico, essa profissão que está sempre em contato com o fato da vida e da morte.

Embora seja médico, não conhece Noel Nutels : “Noel Nutels. O senhor não sabe de quem estou falando. Vejo pela sua cara : o nome não lhe diz nada. Compreensível. O senhor ainda é muito jovem”(p. 9).

Muitas coisas acabam sendo esquecidas, quem foram certas pessoas, certos idiomas, o idioma dos índios, o iídiche, o dialeto judaico da Europa Oriental (p.11). Muita coisa se esquece, perdendo-se assim uma parte da história dos povos. Uma das funções da escrita é recuperar parte da memória social e, conseqüentemente, possibilitar a preservação da memória individual. Ecléa Bosi , em *Memória e Sociedade*, mostra como a lembrança individual é dependente da memória coletiva (BOSI, 2001, p. 59).

Além da função de recuperar a memória social, o personagem silencioso tem ainda muitas outras funções . Uma delas é servir de fio condutor, fio que permite costurar os fatos fazendo com que formem uma história. Além disso, proporciona uma constante referência ao momento presente. Ecléa Bosi, no mesmo texto citado acima, fala que o processo de rememoração pressupõe o confronto de dois tempos - o momento em que ocorreu o fato lembrado e o momento atual. Essa duplicidade implica um duplo olhar, pois não somos os mesmos nas duas épocas da vida, vemos com olhos diferentes os acontecimentos passados, modificados por tudo por que passamos ao longo desse período de vida. Em *A Majestade do Xingu* esse fenômeno se amplia e se referenda através da

escuta do médico que marca incessantemente os dois momentos do narrador e as duas escutas. O relato é permanentemente pontuado por frases como : “O senhor já pensou o que é isso, doutor?”(p. 41), “Como o senhor pode imaginar, doutor, aquele anúncio causou um reboiço na aldeia”(p. 16), “Destino, não é, doutor?” (p. 18) etc.

Uma outra função do médico é acompanhar esse homem que sente dor : “Ai que dor, doutor, que dor no peito, essa injeção que o senhor me deu não adiantou nada, preciso de alguma coisa mais forte. Ou então preciso falar, falar pelo menos me distrai”(P. 9).

Acompanhá-lo é principalmente ouvi-lo nesse momento tão especial de sua vida : “Com vergonha eu lhe confesso, e só posso confessar porque aqui estou, na terra de ninguém que medeia entre a vida e a morte”(p. 27). Nessa terra de ninguém, em que urge adquirir um sentido para a vida, é necessário falar, para o que é necessário esse que vai dar sentido à fala.

Longe de ser passivo, o médico **escolhe** escrever a história que o narrador lhe conta. Escolhe assim como é **escolhido** pelo narrador para fazê-lo seu ouvinte. O narrador não o conhece de imediato, imagina coisas sobre ele : “uma pessoa como o senhor, que, imagino, conhece muito a natureza humana”(p. 27) ou , como em outra passagem : “Deixa pra lá, doutor, histórias como a minha o senhor deve conhecer muitas, vidas amargas devem desfilar diante do senhor”(p. 51). Percebe algumas de suas reações : “No início eu consultava dicionários; depois, passei a lê-los sistematicamente. O senhor se espanta?”(p. 83). É também aos poucos que vai conhecendo dados de sua vida , que é judeu, médico, jovem, mais permeável às mudanças dos tradicionais costumes judaicos, mas preservando muitos deles.

E através desse confronto das semelhanças e diferenças , o narrador vai se conhecer e se compreender em seu processo de subjetivação, numa relação libertadora, que segue um trajeto transferencial, inicialmente com uma certa desconfiança :

depois que eu morrer o senhor vai escrever essas coisas que estou lhe contando? Ah, não vai? E por que está tomando notas? Ah, não tem nada a ver com o que estou dizendo? Mas o senhor não acha que é falta de educação prestar atenção em outra coisa enquanto estou aqui, falando de mim, falando do Noel? (p. 10)

e que logo se transforma em curiosidade , até chegar a lhe pedir, a lhe sugerir : “Talvez o senhor coloque no papel essas coisas que estou lhe contando”(p. 170).

O texto coloca , portanto , questões relativas tanto à criação literária quanto à relação psicanalítica. O que faz com que sejamos seduzidos por um texto, o que faz com que o escolhamos, o que faz um autor se encantar com um personagem a ponto de, a partir de um esboço qualquer, vindo de alguma fonte, o desenvolva, o recrie, faça retoques? O que faz um analista escolher e deixar ser escolhido por um paciente? O que faz, mais especificamente, o médico-escritor-analista de *A Majestade do Xingu* , se encantar com esse homem sem nome tornando-o capaz de transformá-lo , fazendo-o querer ouvir sua história para assim aprender com ele e também

transformar-se? O narrador sem nome parecia já saber de tudo isso ao dizer, bem no início do texto: “Acho que alguma coisa mudará no senhor depois que ouvir esta história”.

Essa possibilidade de influência mútua, esse jogo de intersubjetividades é levado a um grau mais acentuado quando inclui todo o processo de transformação de Zequi que se anuncia como mais um autor a se inserir nessa cadeia narrativa. A perspectiva de levar para o futuro, para adiante a história, com modificações, interferências, novos personagens, novas marcas abre a possibilidade de uma construção sem fim.

BIBLIOGRAFIA

BOGOMOLETZ, D. *Freud, Winnicott e o Humor*. Rio de Janeiro, Arquivos Brasileiros de Psicologia, v.47,n.1,1995.

BOSI, E. *Memória e Sociedade, Lembrança de velhos*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001, 9.ed.

FELMAN, S. *La Folie et la Chose Littéraire*. Paris, Seuil, 1971.

FREUD, S. Escritores Criativos e Devaneio (1908). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1980, vol. IX, p. 147-158.

_____. Além do Princípio do Prazer.(1920) *Idem*, vol. XXI, p.13-85.

_____. Discurso Perante a Sociedade dos B'nai B'rith. (1926). *Idem*, vol. XX, p.313-317.

_____. O Mal-Estar na Civilização.(1930). *Idem*, vol. XXI, p. 75-171.

_____. O Humor (1927) . *Idem*, vol. XXI, p. 189- 194.

JOZEF, R.R. A Palavra do Desejo e o Desejo da Palavra. Dissertação de Mestrado em Teoria Literária UFRJ. Rio de Janeiro, 1988, mimeo.

KEHL, M.R. “Minha Vida Daria um Romance”. In. BARTUCCI,G. org. *Psicanálise, Literatura e Estéticas de Subjetivação*. Rio de Janeiro, Imago, 2001.

MEZAN, R. *Psicanálise, Judaísmo : Ressonâncias*. Campinas, Escuta,1987. p. 20 ; p. 28.

POE, E. A. *Manuscrito Encontrado numa Garrafa e outros contos*. Rio de Janeiro, Ediouro, 1996.

SCLIAR, M. *A Majestade do Xingu*. São Paulo, Compainha das Letras, 1997.

_____. *Meu Filho, o Doutor*. Porto Alegre, Artmed, 2001

WIESEL, E. *A Melancolia dos Mestres da Alegria*. Rio de Janeiro, Exodus, 1997. p. 25.

RESUMO

O livro *A Majestade do Xingu*, de Moacyr Scliar, conta a vida de Noel Nutels, médico sanitariano relatada por um outro personagem fictício, anônimo, também judeu e russo, de idade próxima que teria vindo no mesmo navio da Rússia para o Brasil. Os dois personagens se contrastam, sendo Noel a representação da pulsão de vida enquanto o outro representa a luta entre forças provenientes da pulsão de vida e da pulsão de morte.

As imposições da realidade impedem a plena realização das pulsões. O humor, a fantasia e a criação literária se apresentam para Freud e no texto do livro como formas substitutas de satisfação. Na modernidade essa impossibilidade de satisfação pulsional ganha novas nuances, sendo o mal-estar acrescido da angústia do homem moderno diante da perda das certezas anteriormente fornecidas pela sociedade tradicional.

O texto literário torna-se o lugar onde o homem fala e busca se compreender atingindo assim a subjetivação. O herói é substituído pelo homem comum que, falando de sua solidão, fala paradoxalmente em nome de outros homens, adquirindo o romance um caráter documental e social.

O texto literário estabelece uma **corrente narrativa** pressupondo sua leitura como uma **versão**. Como na relação psicanalítica temos assim uma atitude de questionamento e discriminação que permite o jogo de intersubjetividades e a transformação.

Unitermos : Psicanálise e Literatura. Judaísmo . Humor . Pulsão e Subjetivação

ABSTRACT

The book *A Majestade do Xingu*, by Moacyr Sciliar, tells the life of Noel Nutels, medical doctor, hygienist. The story is narrated by a legendary character, who is an anonymous Russian and Jewish, just like Noel. He is about the same age and came from Russia to Brazil in the same ship. The two characters are opposite one another. Noel is the representation of the life drive while the other represents the struggle between the life drive and the death drive.

The impositions of the reality do not allow the full accomplishment of the drives. The humor, the fantasy, and the literary creation are presented to Freud, and in the book text, as replacements for satisfaction. In modernity this impossibility of drive satisfaction receive new tones. The modern man deals with the losses of the certainties provided by the traditional society, struggling with discomfort and anxiety .

The text becomes the place where men talks and search an understanding, reaching subjectivity. The hero is replaced by the common man, talking about his solitude, paradoxically on behalf of other men, turning the romance into a social document.

The literary text establishes a narrative chain prevailing its reading to be a version. As in the psychoanalytic encounter, we assume a position of questioning and discrimination that allows the game of intersubjectivities and transformation.

Uniterms : Psychoanalysis and Litterature. Judaism. Humor. Drive and Subjetivation.